

# DESAFIOS DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO DURANTE A PANDEMIA: UMA REFLEXÃO SOBRE INCLUSÃO SOCIAL

GT 2: EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

**Trabalho completo**

Raque Ramos ALVES (Programa de Pós-graduação em Educação/UFMT)

[kellramosalves@gmail.com](mailto:kellramosalves@gmail.com)

Elisangela Maria de AMORIM (Pós-Graduação em História/UFMT)

[elisangela.amorim@ufmt.br](mailto:elisangela.amorim@ufmt.br)

## Resumo

Esta pesquisa apresenta duas dissertações de mestrado, realizadas em parceria, que exploram as percepções de professores e alunos da Escola Estadual do Campo São José sobre Mudanças Climáticas e Racismo Ambiental. A investigação analisa a visão dos docentes sobre Educação Ambiental Crítica e Injustiças Climáticas, além da percepção dos estudantes da EJA acerca do Racismo Ambiental, evidenciando as desigualdades enfrentadas pelas comunidades rurais. Com abordagem qualitativa de estudo de caso, os trabalhos revelaram a desconexão entre a escola e a comunidade, acentuada pela pandemia, que exigiu o distanciamento social, levando ao uso de tecnologias digitais como recursos para o ensino remoto.

Palavras-chave: Educação do Campo, Educação de Jovens e Adultos, Racismo Ambiental

## 1 Introdução

Esta pesquisa se propôs a enveredar pelos caminhos da Educação Ambiental na Escola do/no Campo, com um olhar nas Mudanças Climáticas - MC. O objetivo foi compreender as perspectivas dos professores da Escola Estadual do/no Campo São José, sobre as MC. Como vivemos em um contexto de pandemia, não poderia deixar de olhar para este desafio que se colocou na realidade da humanidade do século XXI, que é a pandemia da COVID-19. A pesquisa foi desenvolvida no Grupo de Estudos em Educação Ambiental e Educação Campesina – GEAC – do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, nos anos de 2019 a 2021, enquanto alunas do Mestrado.

A pandemia e as mudanças climáticas estavam entre os assuntos mais debatidos em todo o globo terrestre. Para Altieri e Nicholls (2021), a “escassez de energia e de água, degradação ambiental, Mudança Climática, Desigualdade Econômica, Insegurança Alimentar entre outros, não podem ser abordados de forma separada, já que estes estão interconectados e são interdependentes”. Compreende-se, no entanto, que existe um equilíbrio entre o planeta e os que nele vivem, e no momento em que se rompe este equilíbrio acontecem desastres horríveis como no caso do COVID-19. É perceptível que “o futuro é incerto. As mudanças ambientais

globais estão sendo sentidas de formas diferenciadas em diversas partes do globo e formas de vida, porém, é preciso ressaltar que há uma interconectividade no Planeta. As alterações estão sendo sentidas em diversas dimensões”, (SATO, 2018, p. 86).

O lócus da nossa pesquisa foi a Escola Estadual do Campo São José, localizada no Distrito da Água Fria, situada a 30 quilômetros de Chapada dos Guimarães e a 80 quilômetros de Cuiabá capital de Mato Grosso. A Escola Estadual do Campo São José foi construída há mais de 50 anos e atendia até o término do mestrado (2021) “na sede alunos moradores do Distrito e de 12 comunidades vizinhas e nas salas anexas alunos de 12 comunidades totalizando 24 comunidades atendidas pela escola e uma média de 700 alunos e 70 profissionais da educação”, (MATO GOSSO - PPP, 2019). Aproximadamente atendia cerca de 450 estudantes nas 5 salas anexas, a saber: João José, João Carro, Água Branca, Córrego do Campo e Praia Rica, e 250 estudantes na sede.

## **2 Alunos da EJA na Pandemia: Desafios e Perspectivas**

A condição de existência da Educação de Jovens Adultos no sistema educacional é uma luta de resistência, pois esse sistema educacional insiste na invisibilidade dessa modalidade no Brasil. Segundo dados do IBGE<sup>1</sup>, ainda temos 11 milhões de brasileiros com mais de 15 anos que não são alfabetizados, o que significa que muitos brasileiros ainda não têm acesso à escola, fortalecimento das desigualdades. A pandemia da Covid-19 expõe ainda mais essa desigualdade no acesso à educação.

O lócus desta pesquisa, está dentro dessa estatística, destaca-se que o PPP da Escola Estadual do Campo São José traz a seguinte informação:

Devido à escola estar localizada na zona rural não há como ela participar do processo de Matrícula Web, uma vez que sua clientela é composta por pequenos produtores rurais, ribeirinhos, chacareiros e assentados, sendo assim, não há acesso à internet para que esse processo seja realizado (MATO GROSSO - SEDUC, 2019, p05).

Aqui estão fazendo referência ao procedimento de matrículas. O Estado de Mato Grosso adotou o processo de matrícula web, mas a Escola Estadual do Campo São José não teve como adotar esse processo pelo fato de que seus alunos moram em locais de difícil acesso à internet.

---

<sup>1</sup> No Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) 2019, a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade foi estimada em 6,6% (11 milhões de analfabetos). Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.htm>

Então, o que se observa é que, mesmo antes da pandemia, a escola já deixa claro que seus alunos não têm acesso à internet, o que se tornou mais complicado com a pandemia da Covid-19.

No contexto de março de 2020, os alunos das redes municipais, estaduais e de escolas particulares tiveram suas aulas suspensas. As aulas presenciais na rede estadual foram suspensas (através de decretos) desde o dia 23 de março, por causa da pandemia do novo Coronavírus (Covid-19). Com isso, o governo foi articulando meios para que os alunos não perdessem o ano letivo de 2020. Foram vários decretos, com proposta para reabertura das escolas, para abril, depois maio e junho; e depois para 03 de agosto de 2020. Foram duas fases: a primeira da suspensão das aulas e a segunda quando se iniciou o ensino remoto.

Após a suspensão das aulas, segundo a Seduc/MT, os alunos utilizavam a plataforma digital “Aprendizagem Conectada”, e a ferramenta podia ser acessada pelo computador e outros dispositivos móveis, como celular e tablete. Para os alunos que não tinham acesso à internet, a escola disponibilizaria o material impresso.

Levando em consideração que as desigualdades sociais que existem em Cuiabá, que mudam entre os bairros, entre as escolas etc., entre os professores e alunos, também existe na escola São José e não são diferentes pois, possuem realidades diversas e os acessos aos serviços públicos também são diferentes. Neste sentido, os alunos da EJA da Escola Estadual do Campo São José moram em comunidades distantes da sede da escola, que fica no Distrito de Água Fria, chegando a uma distância de 25 km, como é o caso da Comunidade de Barra do Bom Jardim. Segundo a professora da turma, eles só têm acesso à internet quando estão no Distrito de Água Fria ou quando estão na cidade de Chapada dos Guimarães, o que ainda hoje não mudou muito.

A criação da plataforma teria sido “perfeita” se o acesso à internet fosse igual para todos, até mesmo em questão de qualidade, mas como o aluno poderia acessar as ferramentas digitais se ele não tinha acesso à internet? Ao que parece, é uma educação que não chega à ponta. Existem diversos fatores que deveriam ter sido colocados em pauta, antes de oferecer ferramentas que, com certeza, não chegaram para todos. Olhar sobre as diferenças contextuais na aplicabilidade da educação, assegurar um melhor acesso, conseqüentemente, faria com que fossem melhores os resultados.

Após a pandemia todos passamos e precisamos de uma ressignificação. E a ressignificação da modalidade EJA só poderá ocorrer de maneira efetiva quando as suas especificidades forem levadas em conta, em nossas práticas pedagógicas. Contudo, bem antes da pandemia, percebemos que a carência dos alunos sempre foi muito grande, eles eram inseguros, com autoestima baixa, achavam não serem capazes de aprender (colonialidade do

ser e do saber), não sabiam que traziam com eles grandes conhecimentos de diversas disciplinas (conhecimentos outros).

Nesta perspectiva, a assistência aos alunos da EJA era diferenciada, principalmente para a zona rural, muitos professores revelaram um grande desafio, a questão do ensino remoto. Era necessário ir além da sala de aula, realizando visitas semanais, o que, durante a pandemia, poderia evitar a evasão escolar.

Segundo a Professora da EJA (2020):

(...) está tendo um curso que a SEDUC/CEFRAPO, está ofertando para nós, para aula de vídeo, aula online, professor tem que preparar... O curso está aí, eu estou participando do curso, mas vou dizer a verdade: não é fácil! Se pra gente que é professor e, mexe um pouquinho com computador, não está sendo fácil, a não ser que seja realmente ninja nisso aí, (...), nós estamos pensando, eu principalmente, graças a Deus que minha turma não vai resolver as atividades no sistema... não vai ter aula de vídeo, não vai ter nada disso aí, vai continuar com as apostilas, só que aí eu creio que sou eu quem vai preparar, me parece que é nesse sentido, eu vou preparar, então vou estar preparando conteúdo do planejamento anual que eu preparei para eles, e estar levando para eles. Dizem que não é para levar. É para estar deixando na escola, mas a minha turma não tem como deixar na escola, tem aluno que mora longe, por exemplo, Barra do Bom Jardim - 25 km a 30 km - vai vir para buscar uma apostila? Não vem, um senhor de 77 anos, ele já vem com outro casal de lá, de carona com eles, que trazem ele. Então para esses alunos têm que ser levado a apostila. Eu vou estar levando, de qualquer jeito eu vou levar!

A percepção dos alunos de que há uma limitação no uso da tecnologia é clara, mas, para além disso, eles sabem que vivem uma exclusão digital, sabem que é preciso fazer algo, e que estão atrasados em relação a isso.

A aluna Antônia disse:

Eu acho que o governo não pode tirar a educação, porque a educação nesse tempo, por exemplo, com a pandemia, é o tempo que mais precisa, tem que ter internet porque sem internet como que vai estudar? Nós sabemos que mais tarde será preciso continuar porque tem esse telefone, computador. Tem gente fazendo compra pelo zap, coisa que eu não sei. Embora não precisa estudar para mexer com essas coisas, mas só que tem que ler, senão como vai saber mexer se não sabe ler? Por exemplo, eu posso mandar um áudio de voz porque escrever eu não sei... eu não sei escrever.

Mas a pandemia não expõe somente a desigualdade do aluno, expõe também a do professor em lidar com a tecnologia, além da falta de acesso à internet pelos alunos. Também chama atenção a fala da professora, que pontua questões importantes como a capacitação dos professores para o uso da plataforma; a falta de transporte escolar para os alunos do período noturno que moram em comunidades distantes e o material disponibilizado.

Ainda que esses alunos tivessem acesso à internet de qualidade, tivessem computador, como ficaria a questão da capacitação dos professores para o uso adequado das tecnologias?



Será que um curso de pouco mais de dois meses é suficiente para que um professor se torne “ninja”, como bem colocou a professora, na utilização de algumas ferramentas tecnológicas? Se a professora não fosse levar esse material, elaborado por ela, para os alunos, será que eles conseguiriam fazer as atividades sozinhos?

Para a Professora, fica claro que ela pensa dessa mesma forma e buscou meios para não quebrar esse vínculo que já foi construído com eles:

(...) para eles o importante é estar em sala de aula. E eles falam que em sala de aula vendo ali, ensinando passo a passo, palavra por palavra já não é fácil, imagina pegar uma tarefa e ter que fazer sozinho.

(...), mas estão todos fazendo as atividades deles, mas assim no compasso deles, no andar deles. Eu falo não precisa correr, o que vocês derem conta de fazer vai (sic) fazendo, o que não der vai deixando. Quando eu voltar a gente vai trabalhar juntos. Não adianta falar você tem que fazer! O senhor tem que fazer! A senhora tem que fazer! Se não tem como fazer! Quem tem alguém em casa que dá para ensinar está sendo auxiliado, agora quem não tem está fazendo as atividades que consegue e as demais vão ficar em branco para aprender ou fazer em sala de aula, se a gente voltar.

Mesmo com toda dificuldade, é perceptível o interesse de estar na escola, no espaço físico. Também se pode notar pela fala da professora (“não precisa correr”) que ela tem essa percepção do ritmo de aprendizagem deles. Isso fica claro também ao falar “quando eu voltar à gente vai trabalhar juntos”, buscando motivá-los e, ao mesmo tempo, evitando sua evasão.

A partir dessas duas falas da Professora da EJA, há dois desafios a serem enfrentados pelos professores e pelos alunos. Do professor é manter esse vínculo com a escola e com aluno, sabendo da realidade de seus alunos. A do aluno é o de não se sentir sozinho, da falta de motivação para que ele se reconheça capaz, em meio a uma pandemia.

Partindo do exemplo dessa professora, percebe-se um enorme esforço, dedicação e amor a esses alunos, mantendo o contato com eles. Mas não adianta apenas os gestores decidirem voltar às aulas utilizando recursos como vídeo aula, plataforma ou até mesmo material impresso. É preciso uma compreensão correta de tecnologia, compreensão do ensino remoto, na qual a educação que realmente precisamos esteja inserida, pois, segundo a Professora da EJA (06/08/2020):

(...)essa questão de sistema para Escola do Campo é bem difícil, acho que não está casando com a realidade nossa e a realidade de outras escolas do campo. São alunos que não têm internet em casa, a maioria não tem computador, não tem celular que tenha a capacidade pra baixar, são programas muito pesados. No meu não consegui abrir, tive que chamar alguém aqui em casa para baixar no meu notebook, entendeu? Então você imagina um aluno que não tem internet, com dados móveis vai conseguir? Não consegue, entendeu? Então é um sonho, quem sabe para o futuro, mas pro momento vamos fazer o que está pedindo, quer dizer, tentar fazer o que está sendo pedido, mas não é fácil, não, não vai ser fácil e não é fácil. É uma realidade completamente diferente da nossa, são trabalhos e programas para escola, vamos dizer, do primeiro mundo. Não estou desfazendo das nossas, mas é a realidade nossa

que não bate com esse tipo de ensino, ainda não está a esse alcance ainda, mas vamos aí, vamos tentar.

A Educação do Campo caminha contra a hegemonia, isso quer dizer que as leis que amparam a educação não chegam aos sujeitos do campo, por isso é importante compreender o que é Educação do Campo. Os alunos da EJA da turma do 1º e 2º segmentos da Escola Estadual do Campo São José são, em sua maioria pequenos produtores, moram em comunidades distantes, sem acesso à internet. Pela fala da professora fica claro que o início remoto para eles, como para todos os alunos da escola, é inviável, não só pela falta de acesso à internet como pela situação de vulnerabilidade de economia desses alunos.

### **3 Racismo ambiental**

Neste contexto de injustiça socioambientais, vividos atualmente no planeta, buscou-se também ancorar esta pesquisa no conceito de Justiça Ambiental, trazida por Henri Acselrad. Para este autor é “uma noção emergente que integra o processo histórico de construção subjetiva da cultura dos direitos no bojo de um movimento de expansão semântica dos direitos humanos, sociais, econômicos, culturais e ambientais” (ACSELRAD, 2005, p. 219).

Assim, a justiça ambiental surge da “criatividade estratégica dos movimentos sociais, alterando a configuração de forças sociais envolvidas nas lutas ambientais e, em determinadas circunstâncias, produzindo mudanças no aparelho estatal e regulatório responsável pela proteção ambiental” (ACSELRAD, 2005, p. 219).

De acordo com Acselrad, 2005, “a Rede Brasileira de Justiça Ambiental, criada em 2001, expande a abrangência da denúncia para além da questão do racismo ambiental na alocação de lixo tóxico, que fundou a organização nascida no movimento negro dos EUA” (ACSELRAD, 2005, p. 223). Nesta perspectiva de Justiça Ambiental, entende-se a luta por direitos, que está organizada, segundo o autor, em:

Defesa dos direitos a ambientes culturalmente específicos, defesa dos direitos a uma proteção ambiental equânime, direitos de acesso equânime aos recursos ambientais, defesa dos direitos das populações futuras. Como? Pela interrupção dos mecanismos de transferência dos custos ambientais do desenvolvimento para os mais pobres (ACSELRAD, 2005, p. 224).

Embora Acselrad use termos como “recursos ambientais”, nota-se que em textos mais recentes, ele revê alguns desses conceitos, como, por exemplo, o de desenvolvimentos e outros, considerando que todos estes processos de construção ainda estavam em discussão.

Percebe-se, portanto, a importância das discussões, dos debates e das pesquisas na área para a formação de conceitos que garantam a legitimidade de produção de conhecimentos que fortaleçam a luta por Justiça socioambiental, em todos os âmbitos, em que cada cidadão tenha direitos garantidos para uma vida mais digna. Assim, o autor ressalta que “A crítica do desenvolvimentismo, que nos ocupa, instabilizaria, por certo, a realidade; introduziria incerteza naquilo que é [...] e no desenvolvimento como aquilo que deve ser: a incerteza incidiria sobre a semântica [...] sobre aquilo que importa, que tem valor” (ACSELRAD, 2005, p. 224). Neste sentido, o autor dá ênfase à produção incessante e assídua aos bens de consumo, investindo em publicidades de venda e obsolescência propagada, e quanto ao que importa e que é valorizado é o progresso e o poder de aquisição monetária.

#### **4 Considerações finais**

A Educação do/no Campo São José ainda não está inserida na luta pela transformação da comunidade do/no campo, conforme a sua finalidade. É o que nos revela a pesquisa, de acordo com os argumentos aqui expostos na fala dos colaboradores. De acordo com os educadores pesquisados, são poucos os que seguem trabalhando de forma intercultural, trazendo a realidade dos estudantes para dentro do contexto educativo, convivência, experiências cotidianas e conteúdos disciplinares, ainda que seja “uma formiguinha”, como afirma Água Branca, uma das participantes da pesquisa. A identidade dos participantes da pesquisa não foi revelada, pois seguimos as normas do Comitê de Ética ao qual esta pesquisa foi submetida e aprovada. Desta forma, optamos por nomear os participantes da pesquisa com os nomes das comunidades aleatoriamente.

A luta é para que todos e todas, educadoras e educadores das Escolas do/no Campo, estejam conectados com a real finalidade e das intenções, que sutilmente são disseminadas pelo processo de globalização, progresso, desenvolvimento capitalista, que foi internalizado por todos nós desde a ocupação e colonização das terras Indígenas, com o chamado descobrimento do Brasil, sem perdermos de vista a escravização, a exploração das terras, em busca de diamantes, ouro e todos os outros meios possíveis de ganho de riquezas a custo de gananciosos lucros, que ainda permeia a sociedade brasileira.

Batemos na mesma tecla, da urgente necessidade em se formar cidadãos, educadores que aceitem o desafio de pensar um outro modelo de sociedade. Para esta argumentação, Arroyo (2020) corrobora frisando “para isso então nós nos desafiamos a pensar, que concepção de formação? que educador nós precisamos? capazes de dar conta de uma tarefa dessa magnitude”. Para este educador, devemos formar educadores capazes de “pensar e de compreender a

totalidade dos processos sociais, de entender as práticas educativas inseridas na totalidade social”, pensar na prática educativa compreendendo os fundamentos que nos permitirão a fazer uma leitura dos processos sociais num todo, globalizado e holístico: “fundamentos da economia política, da sociologia, da filosofia, da antropologia. Infelizmente nós temos visto que cada vez mais vão ficar escassos nos cursos de formação de educadores e que nós entendemos que na formação de educadores do campo” (ARROYO, 2020).

Contudo a pandemia da Covid-19 escancarou as desigualdades, a exclusão social/digital, ratificou a importância da seleção dos conteúdos que devem ser trabalhados para que os alunos possam se apropriar deles a partir da realidade do seu ambiente. E também evidenciou o racismo ambiental sofrido por eles.

Em relação à educação quanto ao racismo ambiental: são trabalhadores com conhecimento de vida, pessoas simples, com anseio de buscar o que não tem em casa. Mesmo que a pandemia trouxe à tona suas vulnerabilidades, há resistência e desejo de continuar mesmo percebendo as mudanças de suas paisagens, que vem aumentando com a diminuição da vegetação e também do ciclo das chuvas, resistem. Também compreendem a importância da produção local como forma de resistência a esse sistema destruidor. Eles desejam adquirir novos conhecimentos e trazem na bagagem conhecimento de vida, conhecimento empírico, e assim fica a certeza de que o conhecimento válido não é somente o conhecimento científico como neutro e universal (colonialidade do saber).

## Referências

ACSELRAD, Henri. Justiça Ambiental: Narrativas de resistência ao risco social ampliado. In: FERRARO JUNIOR, Luiz Antonio. **Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. p.220-229.

ALTIERI, Miguel A. NICHOLLS, Clara Inés. **A Agroecologia nos tempos do COVID-19**. CLACSO – Conselho Latino-americano de Ciências Sociais - Pensar La Pandemia: Observatorio Social Del Coronavirus. Abril 2020. Disponível em: <https://www.clacso.org/aagroecologia-nos-tempos-do-covid-19/> . Acesso em: 28 de set. 2020.

AMORIM, Elisangela Maria de. **Educação e Racismo Ambiental: as percepções dos sujeitos da EJA da Escola Estadual do Campo São José**. Dissertação. (CBA - Mestrado em Ensino) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Campus Cuiabá, 2021.

ARROYO, Miguel G. **Educação do Campo e os Sujeitos Coletivos de Direitos**. TV FONEC. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FqDAaEyBEbs> . Acesso em: 20 ago. 2020.





MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. **Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual do Campo São José**. 2019.

RAMOS, Raquel Batista. **As Mudanças Climáticas na Perspectiva dos Educadores da Escola Estadual do/no Campo São José**. Dissertação. (CBA - Mestrado em Ensino) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Campus Cuiabá, 2021.

SATO, Michèle. SILVA, Regina. JABER, Michelle. **Educação Ambiental: tessituras de esperanças**. Cuiabá: Editora Sustentável, EdUFMT, 2018.